



## **A Cristologia de Joãosinho Trinta presente na Imagem do Cristo Mendigo e a contestação da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro**

*The Christology of Joãosinho Trinta present in the Image of the Beggar Christ and the contestation of the Metropolitan Curia of Rio de Janeiro*

**Ederilton Cassiano Toledo**

*Doutorando no PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória*

**Resumo:** Este estudo analisa a Cristologia na representação do Cristo Mendigo no desfile do GRES Beija-Flor de Nilópolis (1989), explorando o contexto histórico, a influência da Teologia da Libertação e o embate entre Joãosinho Trinta e o Cardeal Dom Eugênio Sales. A pesquisa aborda a representação visual do Cristo Mendigo, suas repercussões na sociedade e na Igreja Católica, e examina o diálogo entre a Cristologia tradicional e a inovação proposta por Joãosinho Trinta, integrando contribuições de Jon Sobrino e Johann Baptist Metz. Além disso, considera uma representação do artista canadense Timothy Schmalz sobre o Cristo Mendigo e suas resistências eclesiais contemporâneas, proporcionando uma compreensão abrangente das camadas de significado na imagem incorporando análises teológicas, socioculturais e artísticas.

**Palavras-chave:** Cristo Mendigo. Cristologia. Beija-Flor de Nilópolis. Arte e Religião. Desigualdades Sociais.

**Abstract:** This study analyzes Christology in the representation of the Beggar Christ in the GRES Beija-Flor de Nilópolis parade (1989), exploring the historical context, the influence of Liberation Theology and the clash between Joãosinho Trinta and Cardinal Dom Eugênio Sales. The research addresses the visual representation of the Beggar Christ, its repercussions on society and the Catholic Church, and examines the dialogue between traditional Christology and the innovation proposed by Trinta, integrating contributions from Jon Sobrino and Johann Baptist Metz. Additionally, it considers a Canadian representation of the Beggar Christ and its contemporary ecclesiastical resistances, providing a comprehensive understanding of the layers of

---

Recebido em: 28 jan. 2024 - Aprovado em: 5 jun. 2024.

meaning in the image incorporating theological, sociocultural, and artistic analyses.

**Keywords:** Beggar Christ. Christology. Beija-Flor de Nilópolis. Art and Religion. Social differences.

## Introdução

O carnaval, expressão cultural marcante no Brasil, atingiu um ápice provocador em 1989, quando o GRES Beija-Flor de Nilópolis apresentou a ousada alegoria do Cristo Mendigo. Este artigo analisa a Cristologia presente nessa representação, explorando a contribuição teórica de Filipe Ferreira, Roberto da Matta, Helenise Guimarães e Helmut Renders.

Filipe Ferreira<sup>2</sup>, em "O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro", explora a relação entre carnaval e religião, destacando a capacidade do carnaval de expressar e subverter normas sociais. A alegoria do Cristo Mendigo é interpretada como uma manifestação desse processo de carnavalização, desafiando concepções tradicionais e estimulando a reflexão crítica sobre a condição dos marginalizados.

Roberto da Matta<sup>3</sup>, em "Carnavais, Malandros e Heróis", discute o carnaval como um momento de ruptura da ordem social, permitindo a expressão de identidades múltiplas. A alegoria desafia expectativas, convocando a sociedade a refletir sobre a realidade dos menos favorecidos.

Helenise Guimarães<sup>4</sup>, no bojo de sua obra destaca o carnaval como um espaço de expressão religiosa plural, onde diferentes tradições espirituais se entrelaçam. A representação do Cristo Mendigo ressignifica a figura de Jesus, aproximando-o dos marginalizados e reafirmando a mensagem de compaixão e justiça social.

Helmut Renders<sup>5</sup>, em "Cristologia Iconográfica", contextualiza o desenvolvimento das imagens de Cristo ao longo da história. A representação de um Cristo maltrapilho não é uma novidade conceitual na cristologia católica, mas uma apresentação inovadora no campo imagético.

Ao considerar as contribuições teóricas de Filipe Ferreira, Roberto da Matta, Helenise Guimarães e Helmut Renders, podemos ampliar nossa compreensão da Cristologia do Cristo Mendigo proposto por Joãozinho Trinta. Esses teóricos nos ajudam a enxergar a alegoria como uma forma de crítica social, de reflexão sobre as desigualdades e de convite à transformação da realidade. Por meio dessa análise, buscamos desvendar as múltiplas camadas de significado presentes na imagem do Cristo Mendigo e sua relevância para a compreensão da religiosidade, da arte e da cultura brasileiras.

---

<sup>2</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>3</sup> DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Helenise. *As decorações carnavalescas cariocas, um breve histórico*. Arte & Ensaios, v. 18, n. 18, p. 70-79. n/d

<sup>5</sup> RENDERS, Helmut. Cristologia iconográfica: das suas linguagens imagéticas clássicas a uma expressão única latino-americana no fim do século 20. *Plura: Revista de Estudos de Religião*, v. 4, p. 4-31, 2013.

O problema central investiga como a representação desafiadora do Cristo Mendigo provocou reações na sociedade e na Igreja Católica, destacando o embate entre inovação artística e tradição religiosa. A hipótese propõe que a alegoria estimula reflexões sobre desigualdades sociais e convida à transformação da realidade. O referencial teórico firmado no construto teórico de artistas, cientistas das religiões e teólogos abrange discussões sobre carnaval, religião, identidade coletiva e Cristologia. A metodologia adotada envolve análise bibliográfica e simbólica, contextualizando o desfile no panorama histórico e cultural. A divisão em seções compreende contextualização histórica no tópico 1, descrição da alegoria e sua análise simbólica no tópico 2, contribuições científicas no tópico 3 e análise de outras imagens do Cristo pobre surgidas no pós desfile de 1989 no tópico 4.

### **1. Contexto histórico e cultural do desfile do GRES Beija-Flor de Nilópolis de 1989**

As escolas de samba surgiram como expressão artística e cultural das comunidades afro-brasileiras, desempenhando um papel fundamental na preservação de tradições e na crítica social por meio de desfiles temáticos.

Na década de 1980, o Brasil passava por transformações sociopolíticas significativas, com a redemocratização após anos de regime militar. As manifestações culturais, incluindo o carnaval, tornaram-se espaços de reflexão e contestação sobre questões sociais e políticas. No âmbito religioso, a Teologia da Libertação ganhava força, influenciando as representações simbólicas nos desfiles de escolas de samba, incluindo abordagens à figura de Jesus Cristo.

Joãosinho Trinta, renomado carnavalesco, desempenhou um papel crucial nesse cenário, inovando esteticamente e provocando com seus enredos. Sua trajetória desde o Teatro Municipal até os desfiles marcantes nas escolas de samba evidencia sua contribuição única para o carnaval brasileiro.

Os teóricos Filipe Ferreira, Roberto da Matta e Helenise Guimarães enriquecem a compreensão do contexto histórico, sociocultural e religioso do carnaval. Suas obras exploram as relações entre carnaval, religião, identidade coletiva e transformação social, proporcionando uma base teórica sólida para a análise da Cristologia presente na imagem do Cristo Mendigo da Beija-Flor de Nilópolis de 1989.

### **2 A representação do Cristo Mendigo na alegoria da Beija-Flor de Nilópolis**

## 2.1 Descrição da alegoria e suas características visuais



Imagem 01 – Google Imagens<sup>6</sup>

A alegoria do Cristo Mendigo apresentada pela Beija-Flor de Nilópolis em seu desfile de 1989 é uma representação artística que desafia as concepções estabelecidas sobre a figura de Jesus Cristo. A imagem retrata o Cristo Redentor, um dos símbolos mais emblemáticos do Rio de Janeiro, vestido como um mendigo, envolto em trapos e cercado por uma trupe de mendigos. A figura do Cristo Mendigo é apresentada em contraste com a imagem tradicionalmente gloriosa e majestosa do Cristo Redentor, gerando impacto e provocando reflexões sobre a pobreza, a marginalização social e a mensagem de compaixão e justiça social.

A alegoria é construída com detalhes visuais que reforçam a representação do Cristo Mendigo. Os trapos que envolvem o corpo da figura transmitem a ideia de miséria e abandono, enquanto os mendigos que o cercam são retratados com expressões de sofrimento e desamparo. A intenção do carnavalesco Joãosinho Trinta é criar uma imagem impactante que confronte as representações convencionais de Jesus Cristo, desafiando os padrões estéticos e simbólicos estabelecidos.

## 2.2 O impacto da imagem do Cristo Mendigo na sociedade e na Igreja Católica

A representação do Cristo Mendigo gerou um intenso debate na sociedade brasileira e na Igreja Católica. A imagem provocativa e desafiadora do Cristo vestido como um mendigo despertou reações diversas, desde admiração e reflexão até críticas e resistência. Muitos viram na alegoria uma denúncia da desigualdade social e uma chamada à compaixão e à justiça para com os mais pobres. No entanto, outros interpretaram a representação como uma afronta à figura sagrada de Jesus Cristo e uma distorção de sua mensagem divina.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [Rodrigo ★ no X: "Uma das raras fotos do Cristo Mendigo da Beija Flor em 1989 descoberto. https://t.co/UGpGq7K7AI" / X \(twitter.com\)](https://t.co/UGpGq7K7AI) Acesso: 25/10/2023.

Na Igreja Católica, a imagem do Cristo Mendigo gerou controvérsias e questionamentos sobre os limites da representação religiosa e da liberdade artística. Alguns membros da hierarquia religiosa se manifestaram contra a alegoria, considerando-a uma profanação da figura de Jesus Cristo. Por outro lado, houve também vozes dentro da própria Igreja que defenderam a mensagem social e humanitária presente na representação, argumentando que ela refletia a opção preferencial pelos pobres e a necessidade de uma transformação social baseada na justiça e na solidariedade.

Para entender este imbróglio, faz-se necessário conhecer a biografia das duas partes envolvidas na celeuma. O Cardeal Dom Eugênio Sales, pela visão religiosa e o artista João Clemente Jorge Trinta pela visão carnavalesca.

Nascido em São Luiz do Maranhão no ano de 1933, dia 23 de novembro, João Clemente Jorge Trinta se muda para o Rio de Janeiro aos 18 anos, onde, no Teatro Municipal cursa dança clássica e monta peças nesta arte como “O Guarani”, obra de Carlos Gomes, e “Aida”, do italiano Giuseppe Verdi. Aí conhece o cenógrafo, artista plástico e professor da Escola de Belas Artes, Fernando Pamplona, que o convida para trabalhar no GRES Acadêmicos do Salgueiro. Nesta Escola de Samba aprende a arte carnavalesca que o levaria ao sucesso. Vencedor do carnaval carioca nos anos de 1971, 1974, 1975, 1976, 1977 e 1978 torna-se o único carnavalesco campeão cinco vezes consecutivas e com mais três vitórias nos anos de 1980, 1983 e 1997 fez-se o maior vencedor dos carnavais cariocas até o presente momento, com 9 títulos ao todo.

O carnavalesco ficou conhecido como um revolucionário pelas evoluções que produziu nesta arte fazendo crescer em volume e tamanho as fantasias e alegorias carnavalescas e pelo tratamento luxuoso de seu trabalho. Quanto à temática de seus enredos, o artista introduz o caráter onírico<sup>7</sup> aos mesmos, fugindo dos temas históricos, reinantes até então. Nestes sonhos, fez a ligação do Rei Luís XIII da França, que reinava no Maranhão; imaginou a história bíblica acontecida no Rio de Janeiro, trazendo Adão e Eva para a Lapa e o mito grego, Orfeu e Eurípedes, habitantes de uma favela carioca. Em entrevista a Geraldo Mayrink<sup>8</sup> o artista revela seu conhecimento bíblico, sua espiritualidade e os trabalhos sociais que desenvolveu.

Nosso outro personagem, nascido em 1920, na cidade de Acari, Rio Grande do Norte, Dom Eugênio Sales, foi ordenado sacerdote em 1943 e nomeado Cardeal pelo Papa Paulo VI, em 1971. Em sua atuação apostólica foi criador das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, da Campanha da Fraternidade e da pastoral carcerária, no intuito de tratar os detentos portadores de HIV. Mobilizou forte campanha a favor dos moradores do Morro do Vidigal contra a especulação imobiliária e foi um ferrenho crítico a Teologia da Libertação.

Em pleno regime militar no Brasil o clérigo monta uma rede de assistência aos exilados de Argentina, Chile e Uruguai. Com esse trabalho supõe-se que o arcebispo

---

<sup>7</sup> Onírico, segundo o site [www.significados.com](http://www.significados.com) é um adjetivo masculino da língua portuguesa e está relacionado ou faz referência aos sonhos, às fantasias e ao que não pertence ao chamado “mundo real”.

<sup>8</sup> Presente em [www.geraldomayrink.com.br/entrevista/joaosinho-trinta](http://www.geraldomayrink.com.br/entrevista/joaosinho-trinta)



tenha ajudado a salvar mais de 5 mil vidas na América Latina<sup>9</sup>. Sobre essa missão, Dom Eugênio relata:

Pela lei dos homens não posso fazer. O governo é contra isso. Mas pela lei do meu Deus eu tenho que fazer isso. Eu opto pela lei de Deus. Vamos fazer um trabalho organizado. Vamos abrir as portas. Pode receber”. (Dom Eugênio Sales, ao decidir acolher e ajudar os exilados do Cone Sul no Palácio São Joaquim, em 1976). (FERNANDES ALÓ, 2016. p. 01).

Por sua atuação pastoral/social o clérigo foi declarado pelo General Castelo Branco como o Cardeal mais perigoso do Brasil.

Como visto, cada um dos personagens em análise possui uma formação diversa, com diferentes entendimentos sobre a arte e a assistência social. Joãozinho Trinta, formado dançarino no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e carnavalesco nos barracões do GRES Acadêmicos do Salgueiro. Dom Eugênio, formado nas escolas de filosofia e teologia da Igreja Católica.

No carnaval, segundo Dostoiévski se concretiza a irreverência e a contestação por modos diversos<sup>10</sup>. A arte carnavalesca se materializa pela estilização do que se queira retratar assumindo a característica barroca do excesso. Aqui, no excesso das cores, volumes, texturas e formas. A arte para os cristãos, mais do que uma fonte pedagógica é a ponte por onde se transporta do belo contemplado ao belo vivido<sup>11</sup>.

Nesses parâmetros se dá o maior dos imbróglis entre as escolas de samba e a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Mais precisamente entre os dois personagens anteriormente expostos, Joãozinho Trinta e Dom Eugênio Sales. No ano de 1989, Joãozinho com o enredo *Ratos e urubus, larguem minha fantasia*, discorre sobre a miséria vivida no país e as causas da fome e da pobreza nacional, com severas críticas sociais. Para a abertura do desfile o carnavalesco organiza uma trupe de mendigos ladeando uma imagem do Cristo Redentor vestido como eles, também maltrapilho. Essa representação de Deus mendigo irritou a Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro que impetrou uma solicitação de impedimento à exposição da imagem. As questões jurídicas do caso, liberdade de expressão artística X imagem religiosa, não se fazem o centro de interesse deste trabalho. Esse viés já fora tratado por Boechat (2020)<sup>12</sup> que revela que mesmo com a proximidade temporal com a promulgação da nova Constituição Brasileira em 1988, que proíbe a censura, o entendimento jurídico

---

<sup>9</sup> FERNANDES ALÓ, Walter Ângelo. Pastor dos bons e dos maus. In: III JORNADAS DE TRABAJO SOBRE EXILIOS POLÍTICOS DEL CONO SUR EN EL SIGLO XX (Santiago de Chile, Chile, 9 al 11 de noviembre de 2016).

<sup>10</sup> SCHAEFER, Sérgio. *Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski*. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 6, p. 194-209, 2011.

<sup>11</sup> PASTRO, Claudio. *Arte sacra*. Edições Loyola, 1986.

<sup>12</sup> BOECHAT, Leandro. "Mesmo Proibido Olhai Por Nós": liberdade de expressão, censura e religião no carnaval carioca. *Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 5, n. 2, p. 819-832. Dez 2020.

brasileiro tem se pautado no fato de nenhum direito fundamental ser absoluto, ou seja, a liberdade de expressão não pode ferir outros direitos como a honra, a privacidade e a dignidade da pessoa humana. Desta feita, havendo um conflito entre a liberdade de expressão e outro direito, esse deve ser analisado com base na Constituição que nos informa qual dos direitos deverá prevalecer dentro do conflito dado. Não é essa, porém nossa inclinação. O cerne desse estudo é a cristologia, a imagem de Cristo que cada uma das forças em embate defende.

Comprovando a teoria de Howard S. Becker<sup>13</sup> de que a produção artística é uma ação coletiva, Laíla<sup>14</sup> revela que a ideia de introduzir a alegoria do Cristo Mendigo saindo de uma favela fora dada por ele no intuito de apresentar um Cristo que abraça o povo para amenizar a sua dor. João se apropria da ideia de Laíla, que, como sabemos, fora rechaçada pela Cúria Metropolitana, que conseguiu junto as Esferas Públicas a proibição da apresentação da alegoria. No intuito de burlar a proibição e conseguir apresentar a obra planejada mesmo com a interdição judicial – em cumprimento ao que o regulamento exigia – Laíla apresenta a solução para não excluir a alegoria do desfile, cobri-la com uma lona preta e colocar uma faixa com a inscrição: “mesmo proibido, olhai por nós”.



Imagem 2 – Google Imagens<sup>15</sup>

<sup>13</sup> BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. n/d.

<sup>14</sup> Luiz Fernando Ribeiro do Carmo, diretor de carnaval do GRES Beija-Flor de Nilópolis.

<sup>15</sup> Disponível em: [Beija-Flor desvenda 'Cristo Mendigo' de Joãozinho Trinta | VEJA \(abril.com.br\)](#)  
Acesso: 28/01/2024.

Seus criadores não sabiam, mas aí se dava o impacto muito maior do que a própria apresentação da imagem original poderia proporcionar.

### **2.3 Análise simbólica e interpretações possíveis da figura do Cristo Mendigo**

A figura do Cristo Mendigo na alegoria da Beija-Flor de Nilópolis de 1989 pode ser analisada sob diferentes perspectivas simbólicas e interpretativas. Uma possível interpretação é a representação da identificação de Jesus Cristo com os marginalizados e oprimidos da sociedade, ressaltando sua mensagem de amor, compaixão e solidariedade para com os mais necessitados. Nessa visão, o Cristo Mendigo se torna um símbolo da presença divina nos lugares mais sofridos e esquecidos.

Outra interpretação possível é a provocação de uma reflexão sobre a condição humana e a desigualdade social. O Cristo vestido como um mendigo desafia as estruturas de poder e os privilégios estabelecidos, questionando a forma como a sociedade trata os menos favorecidos e chamando à responsabilidade de todos na construção de uma realidade mais justa e igualitária.

A análise simbólica da figura do Cristo Mendigo também pode incluir elementos relacionados à Teologia da Libertação, corrente teológica que enfatiza a dimensão social e política do evangelho. Nesse contexto, a representação do Cristo Mendigo pode ser entendida como um apelo à transformação das estruturas sociais injustas, à superação da pobreza e à busca por um mundo mais solidário e fraterno.

## **3. Contribuições de cientistas da religião para a compreensão da Cristologia do Cristo Mendigo**

### **3.1 Análise da figura do mendigo como uma imagem teológica de Cristo**

A figura do mendigo como uma imagem teológica de Cristo tem sido objeto de reflexão por parte de teólogos e estudiosos da religião. Dentre os nomes relevantes nessa discussão, destaca-se Jon Sobrino<sup>16</sup>, teólogo da Teologia da Libertação, que enfatiza a dimensão do Cristo pobre e marginalizado, identificando-se com os mais necessitados. Em suas obras, como "Jesus o Libertador" e "Ressurreição da Verdadeira Igreja: os Pobres Lugar Teológico da Eclesiologia", Sobrino desenvolve uma teologia encarnada na realidade dos pobres e marginalizados, ressaltando a presença de Jesus Cristo naqueles que sofrem e clamam por justiça.

Outro teólogo que traz contribuições relevantes é Johann Baptist Metz<sup>17</sup>, conhecido por sua teologia da memória sofredora. Metz ressalta a importância de uma Cristologia que se aproxima da realidade dos mais pobres e vulneráveis, buscando compreender o sofrimento e a injustiça presentes no mundo à luz da mensagem de

---

<sup>16</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador. I. A história de Jesus de Nazaré*. 2. ed., Tradução: Jaime A. Classen. São Paulo: Vozes, 1996, 392 p.

<sup>17</sup> METZ, João Batista. *Fé na História e na Sociedade: Para uma teologia fundamental prática*. Estudos Religiosos, v. 19, n. 4, 1980.



Jesus Cristo. Em suas obras, como "Fé na História e na Sociedade" e "Pobreza de Espírito", Metz propõe uma releitura da figura de Cristo que leva em conta a realidade dos marginalizados, incluindo os mendigos, como expressão da presença divina na história.

### 3.2 Diálogo entre a Cristologia tradicional e a inovação proposta por Joãozinho Trinta

O diálogo entre a Cristologia tradicional e a inovação proposta por Joãozinho Trinta na figura do Cristo Mendigo é um aspecto central na compreensão da representação artística. A Cristologia tradicional, baseada na teologia cristã e nos ensinamentos da Igreja Católica, enfatiza a divindade e a glória de Jesus Cristo, apresentando-o como o Filho de Deus e o Redentor da humanidade.

No entanto, a representação do Cristo Mendigo desafia essa visão tradicional, propondo uma abordagem que destaca a humanidade e a solidariedade de Jesus Cristo com os mais pobres e marginalizados. Esse diálogo entre a Cristologia tradicional e a inovação proposta por Joãozinho Trinta coloca em discussão os paradigmas estabelecidos e convida a uma reflexão mais profunda sobre o significado da figura de Jesus Cristo para a sociedade contemporânea.

Nesse contexto, é importante considerar também as contribuições de outros teólogos e estudiosos da Cristologia, como Leonardo Boff, Jon Sobrino e Elizabeth Johnson (Op, GERALDINA, 2004)<sup>18</sup>, que abordam questões relacionadas à encarnação, à solidariedade e à opção preferencial pelos pobres, trazendo perspectivas complementares para a compreensão da Cristologia do Cristo Mendigo.

Ao analisar essas contribuições, buscamos enriquecer o entendimento da representação do Cristo Mendigo no contexto do desfile da Beija-Flor de Nilópolis em 1989, explorando as tensões entre a Cristologia tradicional e as abordagens inovadoras propostas pela expressão artística, bem como as reflexões teológicas e socioculturais que emergem desse diálogo.

## 4. Outras imagens do Cristo mendigo

A imagem do Cristo Mendigo, o Cristo pobre, combatido pela Cúria Metropolitana e apresentada pela escola de samba vem ao encontro do ideal de religiosidade tão apregoado pela própria Igreja Católica na Idade Média através dos exemplos de franciscanos, dominicanos, carmelitas e servitas; como ainda hoje por irmandades como a Toca de Assis<sup>19</sup> que buscam através da mendicância testemunhar o amor de Deus mediante uma vida de serviço ao próximo e renúncia, onde pretendem, até mesmo em sua aparência, pés descalços, barba rala para os homens, vestuário e corte específico para os cabelos (tonsura), aproximar-se do movimento franciscano

---

<sup>18</sup> A obra de JOHNSON foi analisada através de: OP, Geraldina Cespedes. ELIZABETH A. JOHNSON, *Cristologia Hoje: Ondas de Renovação no Acesso a Jesus*. Estudos Eclesiásticos. Revista de Pesquisa e Informação Teológica e Canônica, v. 79, n. 310, p. 509-511, 2004.

<sup>19</sup> Toca de Assis é uma fraternidade católica brasileira, fundada pelo Padre Roberto José Lettieri, em 1994 na cidade de Campinas – São Paulo.

original e uma vida simples. Mendonça (2004)<sup>20</sup> registra que tais movimentos são classificados pela sociologia como movimentos sociais que intencionam uma volta ao passado original. A visão de Cristo Pobre, embasado em 2 Cor 8,9, onde se lê: “*Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza*”, claro, se refere ao fato de Ser Deus e se fazer homem. A imagem proposta pela escola de samba aproxima-se da opção preferencial pelos pobres, lema da Igreja Latina.

A OpP, contra a pobreza e em prol da libertação, dá à Igreja da América Latina, no decurso dos anos, um novo jeito de ser. A Teologia da libertação (TdL), as CEBs, o engajamento político e a pastoral popular reunidos sob a meta da *denúncia e conscientização*, a leitura popular da Bíblia, as comunidades religiosas da *inserção* e, por último, a necessidade sentida de uma *evangelização inculturada* marcam uma identidade nova, na qual a inspiração antropocêntrica do Concílio se conjuga com a progressiva aproximação aos povos oprimidos deste continente.<sup>21</sup>

Assim descrito, se vislumbra um Cristo Mendigo, Cristo contra a pobreza, ao lado dos pobres. Um Cristo libertador na festa do povo, atendendo a necessidade premente de uma evangelização enraizada na cultura do povo.

Em 1989, quando se realizou esse enredo, o Brasil estava ainda em processo de redemocratização, a Igreja no Brasil ainda estava envolta com a Teologia da Libertação, um enredo com fortes críticas sociais, que cobra dignidade e investimentos sociais ao apresentar um grupo de foliões miseráveis rodeando um Cristo maltrapilho apresenta forte conexão com essa Teologia. Assim compreendido entende-se a reação de Dom Eugênio, grande crítico dessa Teologia. Para ele, a imagem de Cristo não é a de um pobre libertador, um herói. A expressão imagética de Cristo para o clérigo é a de Cristo Rei.

Na cristologia da Realeza, Cristo é apresentado como o Rei da sociedade. No Brasil, seu grande sinal é a imagem do Cristo Redentor no Morro do Corcovado, datado de 1936, soberano sobre a cidade do Rio de Janeiro. Firmada sobre a teologia do Cristo ressuscitado e glorioso tal imagem reafirma o modelo hierárquico da Igreja, onde os Arcebispos, como Dom Eugênio, são os príncipes. (AZZI, 1986. p.348)<sup>22</sup> afirma que a partir da imagem de Cristo Rei nasce uma espiritualidade de maior valorização do laicato, fato que, como se viu na biografia de Dom Eugênio é muito presente em seu apostolado.

Fato é que, após a representação do Cristo Mendigo de Joãozinho Trinta outras versões ganharam forma pelo mundo, com destaque para as obras de Timothy Schmalz, escultor nascido no Canadá que dedica seu trabalho ao devocionário católico.

<sup>20</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *A experiência religiosa e a institucionalização da religião*. ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, v. 18, n. 52, p 29-46, 2004.

<sup>21</sup> OTTEN, Alexandre. *A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES E A CRISTOLOGIA*. ESPAÇOS-REVISTA DE Teologia e Cultura, v.7, n.2, p.107-120, 1999.

<sup>22</sup> AZZI, Riolando. *Do bom Jesus sofredor ao Cristo libertador*. Perspectiva Teológica, v. 18, n. 45, p. 215-215, 1986.

O artista revela que sua felicidade se completa ao saber que suas obras levam os espectadores à reflexão. Entre suas obras mais conhecidas está a denominada “Jesus sem-teto”.



Imagem 3 – Google Imagens<sup>23</sup>

Originalmente tal imagem fora criada para a Faculdade de Teologia de Toronto, dirigida pelos Jesuítas, no ano de 2013. Há aproximadamente 40 imagens similares espalhadas pelo mundo, inclusive na cidade de Cafarnaum - Israel, onde Jesus Cristo residiu. As demais encontram-se em grandes cidades e catedrais, inclusive de outras denominações que não o catolicismo.

Em audiência com o Papa Francisco, o artista lhe apresentou uma miniatura da obra, ato que fez o pontífice recolher-se em oração ao tocar o joelho e os pés da imagem. A imagem, construída em tamanho original, conforme as medidas corporais de Jesus presentes no Santo Sudário, revela um homem deitado num banco de praça, coberto por um fino cobertor que deixa seus pés a mostra. Vê-se no detalhe dos pés, as chagas de Jesus, revelando, então, qual homem aí se encontra deitado. O Papa Francisco presenteou a Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro com uma réplica dessa imagem presente em seu pátio desde o ano de 2018.

---

<sup>23</sup> Presente em: [A história da escultura de Jesus sem-teto que o papa doou à Arquidiocese do Rio \(semprefamilia.com.br\)](http://semprefamilia.com.br) Acesso: 28/01/2024.

Entretanto, como a obra de Joãosinho Trinta, a imagem do artista canadense enfrentou algumas barreiras de autoridades eclesíásticas, pois que as dioceses de Nova York e à de Toronto recusaram a imagem por considerar que ela não era apropriada. Nesta linha teológica, o artista confeccionou ainda uma série de outras imagens, intituladas: Quando Eu estava doente; Quando Eu estava nu; Quando Eu estava na cadeia; Quando Eu era estrangeiro e Quando Eu estava com fome e sede; esta, reproduzida a seguir.

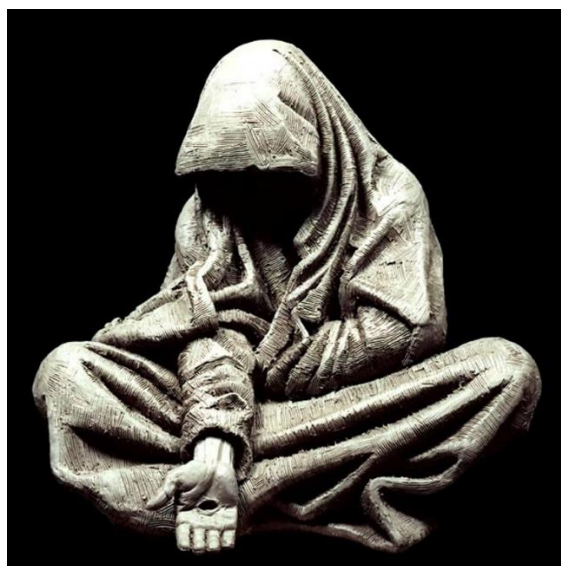


Imagem 5 – Google Imagens<sup>24</sup>

## Conclusão

Isto posto, temos que a celeuma entorno do Cristo Mendigo do GRES Beija-Flor de Nilópolis não encontra seu cerne na cristologia nem na imagética, pois que a exaltação de uma imagem não significa o abandono da outra. As duas coexistem apresentando diferentes aspectos, quer sejam convergentes ou divergentes. E ainda, as imagens não surgem do nada, elas fazem parte de um contexto eclesial mostrando as características de uma determinada época e a evolução da Igreja. As imagens estão ainda, direta ou indiretamente, vinculadas às mudanças socioeconômicas e políticas do país<sup>25</sup>.

Diante da análise aprofundada da Cristologia presente na representação do Cristo Mendigo no desfile do GRES Beija-Flor de Nilópolis (1989), é possível concluir que a imagem proposta por Joãosinho Trinta provocou reflexões profundas sobre a relação entre religião, arte e sociedade. Ao retomar a pergunta central sobre como essa representação desafiou as normas estabelecidas, observa-se que o Cristo Mendigo emergiu como uma expressão ousada e provocativa, confrontando a visão tradicional

---

<sup>24</sup> Presente em: [Esculturas de TPS | Quando eu estava com fome e com sede \(sculpturebytps.com\)](https://www.sculpturebytps.com/)  
Acesso: 28/01/2024.

<sup>25</sup> AZZI, 1986.



da Cristologia e estimulando debates na sociedade e na Igreja Católica. A hipótese de que a alegoria seria uma forma de crítica social e convite à transformação social foi respaldada pela análise, evidenciando a relevância dessa expressão artística como um meio de promover reflexões sobre desigualdades e injustiças sociais.

Conseqüentemente, o estudo destaca as potenciais conseqüências de desafiar paradigmas estabelecidos na representação religiosa, contribuindo para o entendimento mais amplo das interseções entre arte, religião e cultura. Vale ressaltar que, para a Igreja Católica, a conceituação de um Cristo ao lado da pobreza não é problemática, como evidenciado pela participação de várias ordens eclesiásticas em serviços sociais aos pobres e pela existência de outras representações de Cristo mendigo em diversas manifestações artísticas.

### **Referências**

AZZI, Riolando. Do bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, v. 18, n. 45, p. 215-215, 1986.

BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, n/d.

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOECHAT, Leandro Boechat. "Mesmo proibido olhai por nós": liberdade de expressão, censura e religião no carnaval carioca. *Policromias-Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 5, n. 2, p. 819-832, 2020.

BOFF, Leonardo. Jesus Cristo Libertador: uma visão cristológica a partir da periferia. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 37, n. 147, p. 501-524, 1977.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

FERNANDES ALÓ, Walter Ângelo. Pastor dos bons e dos maus. In: III JORNADAS DE TRABAJO SOBRE EXILIOS POLÍTICOS DEL CONO SUR EN EL SIGLO XX (Santiago de Chile, Chile, 9 al 11 de noviembre de 2016).

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GUIMARÃES, Helenise. As decorações carnavalescas cariocas, um breve histórico. *Arte & Ensaio*, v. 18, n. 18, p. 70-79. n/d

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p 29-46, 2004.

METZ, João Batista. Fé na História e na Sociedade: Para uma teologia fundamental prática. *Estudos Religiosos*, v. 19, n. 4, 1980.





METZ, João Batista. *Pobreza de espírito*. Paulista, 1998.

OP, Geraldina Cespedes; JOHNSON, Elizabeth A. Cristologia Hoje: Ondas de Renovação no Acesso a Jesus. *Estudos Eclesiásticos*, v. 79, n. 310, p. 509-511, 2004.

OTTEN, Alexandre. A opção preferencial pelos pobres e a cristologia. *Espaços-Revista de Teologia e Cultura*, v.7, n.2, p.107-120, 1999.

PASTRO, Claudio. *Arte sacra*. Loyola, 1986.

RENDERS, Helmut. *Cristologia iconográfica: das suas linguagens imagéticas clássicas a uma expressão única latino-americana no fim do século 20*. Plura: Revista de Estudos de Religião, v. 4, p. 4-31, 2013.

SCHAEFER, Sérgio. Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 6, p. 194-209, 2011.

SOBRINO, J. *Ressurreição da Verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador. I. A história de Jesus de Nazaré*. 2 ed. São Paulo: Vozes, 1996.